



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 1 mai.-ago.2020

p. 247-276.

Os viados de fanfarra e a fechação regulada: o jogo de gênero e raça no campeonato baiano

Vinícius Santos da Silva Zacarias¹

RESUMO: Esta etnografia apresenta as complexas disputas envoltas nos campeonatos de fanfarra na Bahia. O campo dos campeonatos e fanfarras e bandas marciais é parte de uma das dimensões do universo de jovens homens negros que compõem quadros de fanfarras escolares e profissionais como balizadores, mores ou corpo coreográfico, desfilando nas principais apresentações e campeonatos estaduais de fanfarra e nas ruas das pequenas cidades do Recôncavo da Bahia. Esses sujeitos são geralmente conhecidos como ‘viados de fanfarra’. Dessa forma, problematizamos as relações ambíguas entre as normas “racio-generificadas” das associações de fanfarras que promovem os campeonatos, além das relações entre essas normas e o desempenho da ‘fechação’, ato performático de dribles, arranjos e negociações feitas a partir dos vários sentidos de masculinidades. Trata-se de fenômeno sociocultural que serve como importante objeto de análise para entender os processos de subjetivação na estrutura social brasileira, notadamente heteropatriarcalista e racista.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia. Viado de fanfarra. Fechação. Campeonato.

Abstract: This ethnography presents complex disputes involved in *fanfarra* championships in Bahia. The competition field is one of the dimensions concerning the universe of young black men who constitute school and professional *fanfarra* as beacons or choreographic body parading in main state fanfare parades and championships as well as in the streets of the small towns of Bahia’s Recôncavo. These people are generally known as *viados de fanfarra*. This paper analyzes the ambiguous relations between the “racial and gentrified” norms of the *fanfarra* associations that promote these championships and the relation between such norms and field performance, dribbling performance, arrangements, and negotiations made based on the various meanings of masculinities. It is a socio-cultural phenomenon that serves as an important object of analysis to understand the processes of subjectivation in Brazilian social structure, notoriously heteropatriarcalist and racist.

Keywords: Ethnography; Viados de fanfarra; Fechação; Championship.

Resumen: Esta etnografía presenta las complejas disputas en las competencias de “fanfarra” en Bahia, Brasil. El campo es parte de una dimensión del universo de jóvenes hombres negros que componen agrupaciones de “fanfarras” escolares y profesionales como “balizadores”, “mores” o cuerpo coreográfico, desfilando en las principales presentaciones y competiciones estaduais en las calles de pequeñas ciudades de Recôncavo da Bahia. Estas personas son generalmente conocidas como “viados de fanfarra”. Así, se problematizarán las relaciones ambíguas entre las normas “raza-generificadas” de las asociaciones de “fanfarras”, que promueven las competencias, y las relaciones entre las normas y el desempeño de “fechação”, acto performático de “dribles”, arreglos y negociaciones desarrolladas desde los distintos sentidos de las masculinidades. Es un fenómeno sociocultural que sirve de importante objeto de análisis para entender los procesos de subjetivación de la estructura social brasileña, heteropatriarcal y racista.

Palabras clave: Etnografía. Viado de fanfarra. Fechação. Competencia.

¹ Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos no POSAFRO/UFRB. Mestre em Ciências Sociais (PPGCS/UFRB). Especialização em Gestão e Política Cultural (PPGCULT/UFRB) e Bacharel em Museologia (UFRB). Membro do grupo de pesquisa Territorialidade, Patrimônio e Violência no Recôncavo da Bahia (TPV Recôncavo), coordenado pelo Prof. Dr. Osmundo Pinho. E-mail: vinicius.museu@hotmail.com.



Figura 1 – Pelotão Coreográfico da Fanfarra Municipal Sanfraciscana Íntegra Baiana



Foto: Adelmo Júnior.

Este artigo é uma adaptação do terceiro capítulo da dissertação intitulada *Etnografia da fechação: performances de homens negros balizadores de fanfarra na Bahia* (DA SILVA, 2019^a), um trabalho sobre o universo de jovens homens negros que compõem quadros de fanfarras escolares e profissionais como balizadores, mores ou corpo coreográfico, desfilando nas principais apresentações e campeonatos estaduais de fanfarra e nas ruas das pequenas cidades do Recôncavo da Bahia.

Motivado a pesquisar os aspectos das manifestações culturais da Bahia protagonizadas por pessoas negras e dissidências sexuais, encontrei um universo de performances totalmente imbuído de problemas de gênero e raça. Um fenômeno sociocultural que serviu de importante objeto de análise para entender os processos de subjetivação, significações, negociações e dribles envoltos dentro da estrutura social, notadamente heteropatriarcalista e racista.

Este artigo – escrita reflexiva em primeira pessoa, mesclada com as notas dos diários de campo – apresenta outra dimensão dos espetáculos de rua: fora dos desfiles cívicos, tendo agora como cena de análise os campeonatos de fanfarras e bandas marciais da Bahia. Destina-se a problematizar as relações ambíguas entre as normas “racio-generificadas” das associações de fanfarras que promovem os concursos e as relações entre essas normas e os balizadores, que,



para desempenharem a ‘fechação’², percorrem os dribles, arranjos e negociações feitas entre a cena e os bastidores. Da mesma forma, este capítulo reflete sobre violências raciais e de gênero já praticadas pela direção das associações contra os ‘viados de fanfarra’³, sobre os espaços de sociabilidade LGBT criados em torno do campeonato de fanfarras e bandas na Bahia e ainda trata de dilemas com a travestilidade nas corporações musicais.

O campo de realização da pesquisa foi a edição do Congresso de Jurados organizados pela Associação Cultural de Bandas, Fanfarras e Filarmônicas da Bahia (ACBFFB) em Salvador/BA e a I Copa Júlio César de Bandas e Fanfarras, seletiva do Campeonato Baiano de Bandas e Fanfarras 2018 em Santo Amaro da Purificação.

Boa leitura!

1. O congresso dos jurados

“*O regulamento para a gente é a Bíblia.*” Com essas palavras de Márcio, inicia-se a manhã de sábado numa pequena escola pública em Salvador, responsável por abrigar o I Congresso de Jurados de Periféricos da ACBFFB. Márcio, que me conhecera no Beco do Rosário durante o Desfile de Dois de Julho em Salvador⁴, convidou-me para participar do congresso de jurados que estava organizando. Recém-empossado no cargo de técnico dos jurados periféricos da associação, à revelia de alguns quadros do movimento de fanfarras e bandas que o achavam sem a experiência necessária para tal, Márcio queria impressionar os críticos ao me levar no evento.

É impossível uma pesquisa manter-se neutra na relação pesquisador-pesquisado, essa é uma discussão fruto de um dilema canônico nas ciências sociais. De qualquer forma, a presença do pesquisador no campo interfere na dinâmica social. Desde quando surgiu meu interesse em participar das organizações internas das associações de fanfarras, percebi que eu causava

² O conceito êmico de ‘fechação’ é fundamental para compreender as significações envolvidas entre os ‘viados de fanfarra’ na Bahia: homens negros gays que desenvolvem performances artísticas de rua, tensionando os signos de masculinidade/feminilidade nas celebrações cívicas. A ‘fechação’ traz um conjunto de elementos que o dimensionam para além do ato performático em direção a aspectos que marcam a vida social dos sujeitos. Equalizam-se ao conceito as categorias de ‘viadeiro’ e ‘churria’. O trabalho de campo deu-se na observação sistemática no Beco do Rosário durante o Desfile Cívico de Dois de Julho em Salvador.

³ Conceito êmico para jovens homens negros que tensionam noções corpóreas de raça e gênero nas performances cívicas de fanfarras na Bahia.

⁴ Para ter acesso à etnografia dos balizadores de fanfarra na cena do Desfile Cívico de Dois de Julho em Salvador, leia o artigo intitulado “Notas etnográficas sobre homens negros balizadores de fanfarra em Salvador”. (DA SILVA ZACARIAS, 2019b).



interferências propositivas no campo. Isso foi logo exemplificado pelo convite de Márcio, uma vez que levar um pesquisador ao primeiro congresso de jurados que ele estava incumbido de coordenar conferia a seu trabalho certo prestígio. O cuidado que procurei ter durante o trabalho de campo foi não deixar que essa interferência prejudicasse na forma das interpretações dos dados.

Voltando aos regulamentos! O regulamento das associações de fanfarras (sendo que, nesta pesquisa, trabalhamos com as duas principais associações, a ACBFFB e a Associação de Fanfarras e Bandas da Bahia – AFAB) é o principal instrumento de controle sobre as apresentações gerais de cada fanfarra, inclusive sobre as performances dos balizadores e mores. Nele constam as regras que vão desde a pontualidade, passando pelo modelo dos figurinos e as condutas dos concorrentes enquanto esperam suas apresentações no ponto de concentração. O regulamento determina, inclusive, qual a função de cada personagem cênico, como mor, balizadores e pelotão cívico. Podemos observar isso no destrinche das funções de mor, por exemplo, no regulamento da AFAB (2017)

CAPÍTULO XIV – Art. 63 – § 1º – É vedado ao Mor ou Comandante, fazer movimentos, evoluções e coreografias em torno da corporação musical já formada para a apresentação.

Art. 65 – A avaliação do Mor ocorrerá durante a sua entrada e saída, nos casos de corporações dos grupos “show”. Já para os demais grupos, a avaliação deverá ser feita durante toda a apresentação. O jurado atribuirá notas de 05 (cinco) a 10 (dez) pontos, em cada um dos itens seguintes: Garbo/Marcha, Marcialidade, Uniforme e Condução.

§ 1º – O Mor deverá apresentar comportamento e coreografia compatível com o seu respectivo sexo. O não cumprimento deste requisito ocasionará a perda de 01 (um) ponto na sua planilha de julgamento.

Parágrafo Único – Para fanfarras que não façam parte dos grupos “show”, fica facultado ao Mor, desenvolver coreografia durante a apresentação da corporação ou fazer parte do corpo coreográfico como um todo e não como “destaque”, sob pena de desclassificação.

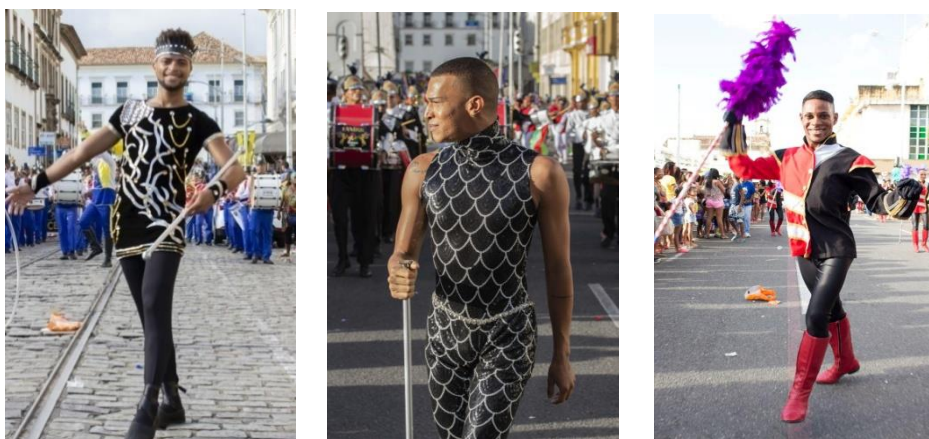
Aqui se estabelece essa classificação bem estratificada das funções dos *performers* nas fanfarras, caso que não acontece, por exemplo, nos desfiles cívicos, nos quais o mor pode ‘fechar’ igual a ou até mais que os balizadores, a exemplo de Dé, que ocupa uma posição fluida na Fanfarra do Colégio Estadual João Batista Pereira Fraga - FANJ, em contraste com o receio de Adriano em se apresentar como mor no desfile cívico de Cruz das Almas. Adriano (diferente de Dé, que pertence a uma fanfarra escolar) é formado dentro de uma fanfarra profissional, como



a Fanfarra Municipal de Cruz das Almas - FANCRUZ, e leva muito mais em conta essas divisões, tipos e funções prescritas nesses campeonatos⁵.

Quando Márcio diz que o regulamento é a *Bíblia* das performances, está sinalizando que toda e qualquer ação do ato de ‘fechar’, por exemplo, está prescrita nesse documento. O regulamento de uma associação de fanfarras é praticamente uma cópia do de outra associação⁶, porém, em todas as regras, o caráter da honra e do bom comportamento é o ponto vigente. Há uma preocupação muito grande entre os mais tradicionais do movimento de bandas de fanfarra para manter íntegra a tradição e o garbo militar. Como podemos conferir no artigo dois do regulamento da Afab, que descreve o campeonato com o objetivo de “[...] Promover o lazer e a cultura musical para a comunidade em geral, acompanhando e zelando pelo bom comportamento e postura dos participantes, mantendo a boa imagem das corporações e da associação”. Em seu artigo 53, parágrafo terceiro, reitera que “O baliza/balizador deverá usar uniforme que esteja nos padrões da corporação [...]”.

Figura 2 – Balizadores e mores entre garbo e simpatia



Fotos: Marielson Carvalho.

Nota-se, analisando apenas a letra fria do regulamento, que a tradição cívica e militar opera em todo o imaginário da diretoria das associações e dele advém todo o sentido formal da sua realização. Porém, nem tudo se prescreve dessa forma, afinal os balizadores de fanfarra, ainda aqui, conseguem tensionar essas regras e tornam os campeonatos também espaços de ‘fechação’, por mais que esta seja negociada ou moderada, como veremos mais adiante.

⁵ Ao decorrer do texto aparecerão personagens de campo que poderão ser melhor conhecidos na dissertação que originou este artigo. (DA SILVA, 2019a)

⁶ Durante a pesquisa foi evidenciado que existem mais de cinco associações de bandas, fanfarras e filarmônicas na Bahia, devido às disputas políticas desse movimento cultural que resultaram em divisões regionais, partidárias e de concepção.



Mas, voltando ao relato, claro que aceitei prontamente o convite de Márcio. Ele mesmo mantinha contato comigo de forma frequente. Ansioso para saber como funcionavam as regulagens para as performances dos balizadores e para observar a dinâmica de preparações das associações para as competições, cheguei cedo ao local do congresso. Márcio, sempre atento, me orientara detalhadamente por telefone, dando-me inúmeras referências de onde ficava a pequena escola no centro de Salvador.

Quando lá cheguei, todos me receberam muito bem. Márcio não escondeu a empolgação para que fosse feita logo a minha apresentação aos jurados convidados naquele ano do campeonato e, ainda, a alguns membros da diretoria da associação presentes no congresso. Assim, à medida que os jurados iam chegando na escola, Márcio ia falando quem eu era. Já eu aproveitava para conversar com as pessoas, buscando estreitar laços e me esforçando para entender a dinâmica dos julgamentos.

Algo que pude constatar de forma bastante visível foi a grandiosidade política do movimento de bandas e fanfarras na Bahia, envolvendo mais de cinco associações do ramo, sendo que a “CBF” (maneira como é carinhosamente chamada a ACBFFB) e a Afab são consideradas as maiores do estado. Esse título se deve ao fato de terem o maior número de grupos musicais filiados, chegando a mais 60 vinculados na “CBF”. Esses números vão de norte a sul do estado da Bahia.

À medida que os jurados iam chegando, um dado se apresentava de maneira nítida: a maioria deles eram homens gays, que, inclusive, afirmavam sua identidade em meio às discussões, como forma de legitimidade, para lidar com as artes ou instituir seus dons de coragem e resistência. Como podemos constatar na frase expedida por um dos jurados, num momento acalorado da discussão entre os contrários e os favoráveis ao uso de figurinos extravagantes por balizadores nas competições: “*Eu sou ‘viado’, querida! Eu sei o que é arte e como sustentar isso na rua!*”. Ele se referia aos adereços usados por alguns balizadores e mores nos antigos campeonatos.

Porém, apesar disso, muitos outros jurados gays reivindicavam sua identidade com normas comportamentais para defender a não relação direta entre homossexualidade e ‘fechação’, como vemos no relato de outro jurado, um pouco mais jovem, que já foi (como praticamente todos os jurados, homens e mulheres) balizador de fanfarra: “*Não é porque a gente é gay que temos a obrigação de ‘fechar’*”. Nesse diálogo, o jurado se referia à moderação moral



e à integridade máscula no cortejo, visivelmente não concordando com os “excessos” nas performances, como acrobacias de cunho sexual e interação descontraída com a audiência das competições por parte de alguns balizadores e membros do pelotão coreográfico.

Ora! Existe aqui um imaginário, um conjunto de práticas que pairam na mentalidade de alguns membros das associações, até mesmo de balizadores e ex-balizadores de fanfarra, referente às regras de gênero que denotarão a respeitabilidade das organizações e do campeonato, algo que poderia se aproximar do pensamento de *habitus*. (BOURDIEU, 2004) Essas regras são explícitas no regulamento e têm o papel de exigir de modo formal e comprobatório a maneira como a operação performance/gênero deve ser entendida ou aceita. Esse seria o ideal, mas, felizmente, não é assim que acontece, como veremos ao longo deste capítulo.

Assim, um sentido importante da regulação é que as pessoas são reguladas pelo gênero e que esse tipo de regulação opera como uma condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa. Desviar-se da norma de gênero é produzir o aberrante exemplo que os poderes regulatórios (médico, psiquiátrico, e legal, apenas para nomear alguns) podem rapidamente explorar para alavancar a racionalidade de seu próprio zelo regulador continuado. (BUTLER, 2014, p. 267)

Nesse pensamento de Butler, vemos que as clivagens de gênero promulgadas pelos balizadores de fanfarra configuram estratégias de desvios à violência para existirem em performance, ou seja, mesmo que os campeonatos formalmente prescrevam regras que dificultem o acontecer da ‘fechação’, os balizadores, dentro dessas próprias regras e usando do melindro das relações, das amizades, da credibilidade perante o público, da cooperação ou do compromisso com outras responsabilidades⁷, vão criando estratégias de ‘fechar’, mesmo que de forma regulada. Obviamente, não rompem drasticamente com o processo regulatório, mas lesam, em certa medida, sua aplicabilidade prática no terreno das praças⁸.

Como veremos empiricamente nas próximas linhas, há dentro da própria direção e das associações vários conflitos sobre as performances dos balizadores serem mais ou menos “feminilizadas”. Alguns, que defendem a obediência e o rigor masculino e militar, ficam

⁷ Muitos balizadores de fanfarra primeiro foram músicos das suas corporações. Com isso, conseguem circular entre todos os âmbitos decisórios, angariar seguidores e fãs, e assim garantem público para os campeonatos e até novas fanfarras para se filiarem às associações. Esse seria uma estratégia meticulosa de contornar o regimento e suas regras divinas e consegui ‘fechar’.

⁸ As “praças” são os locais (praça pública, quadra de esportes ou estádios) onde os campeonatos acontecem em determinadas cidades, escolhidas em assembleias gerais das associações. Por se tratar de campeonatos anuais, cada etapa de classificação opera como somatória de pontos, eliminando as últimas colocadas, até as apresentações das mais pontuadas na final do campeonato.



eufóricos ao verem a ‘fechação’ acontecer; outros apoiam a ‘fechação’ com certa moderação. Há também os que são verdadeiros defensores da ‘fechação’, mas sempre recorrem ao subterfúgio do “respeito” para com a associação e sua história. Alguns, por mais que afirmem de maneira contundente que não se trata de discriminação, são pegos sorrateiramente no discurso violento de não aceitar ‘viadagens’ nos campeonatos.

Em umas das alíneas do regulamento, o descumpridor das regras de gênero da performance é submetido a penalidades, tanto o *performer* quanto a fanfarra. Como diz no artigo 56º:

Especificamente para os balizas masculinos, fica vetado o uso de uniformes com características do sexo oposto (saiotes e *collants*) bem como o uso de maquiagens, bijuterias ou calçado feminino. Pena de desclassificação da baliza e/ou baliza masculino e perda pela corporação de 01 (um) ponto por jurado, caso infringjam as vedações deste artigo.

Dessa forma, apresentando brevemente as principais proibições do regulamento e deixando evidentes seus objetivos e intenções, nota-se que, pelas precauções estabelecidas sobre os tais “excessos”, houve precedentes de casos de violência envolvendo balizadores nas fanfarras. Essa foi a hipótese que supus quando analisei o documento. Devido ao trabalho de campo, soube dos diversos casos de violência que pessoas transexuais sofreram no desfile, chegando, inclusive, a serem impedidas de se apresentarem, pois a direção da associação não reconhecia suas identidades de gênero, achando que se tratava de “homens vestidos de mulheres”.

2. Os periféricos: entre a vida e a performance

A experiência de fazer parte do congresso de jurados dos periféricos e ter acesso a uma leitura contextualizada do regulamento me proporcionou interpretar com mais afinco as relações de conflitos e tensões ali emergidas no ambiente dos campeonatos. Apresentarei, neste artigo, todas as situações vivenciadas enquanto pesquisador durante a praça na cidade de Santo Amaro. Por isso, para melhor acompanhamento das experiências vividas no campo, optei por textualizar as descobertas do funcionamento dos campeonatos à medida que eu também ia descobrindo-as no campo, construindo assim a narrativa fiel à estética da descrição, como venho adotando em minha dissertação.

O que é apresentado em torno da ‘fechação’ precisa ser objetivo! Márcio diz que a dúvida sobre os critérios subjetivos de avaliação das apresentações não pode acontecer; para isso, a planilha que cada jurado recebe deve obedecer a critérios técnicos já estabelecidos no



regulamento. Creio que essa seja uma estratégia da “CBF” para impedir que os “excessos” aconteçam. Esses “excessos” são, primordialmente, as possibilidades de fazer a ‘fechação’ durante as apresentações formais das eliminatórias. Mesmo que não seja dito de forma explícita, todas as discussões dos jurados no congresso giravam em torno da presença dos ‘viados de fanfarra’ e seus supostos “excessos”, fosse por parte dos jurados que defendiam ou moderavam a ‘fechação’, fosse por parte dos explicitamente contrários a esta.

Emanuel, um dos jurados tradicionais, no momento do intervalo, conversa comigo, interessado na pesquisa. Em dado momento da conversa, falo para ele da minha alegria em compartilhar os aprendizados dos jurados e me mostro surpreso com a força e a grandeza do movimento de fanfarras na Bahia, o qual eu não conhecia. Por certo vínculo de amizade que já tinha com Emanuel, uma vez que compartilhávamos de outros territórios “gays” da vida noturna em Salvador, ele desabafa comigo:

– Olhe, o regulamento diz que não pode se cometer discriminação e diz que temos que combater preconceitos e tal, mas ele [o regulamento] é cheio de brechas também e até tem regras ali para fazer a gente criar problemas, como o caso de ter que usar cabelo preso para proibir que os meninos possam ‘fechar’. Sou contra a esculhambação, sabe? A organização precisa ser respeitada, de respeito. Mas a alegria do campeonato, o que faz ele ficar bonito mesmo, são os ‘viados’, e precisa deixar eles ‘fecharem’, assim, sem tanta regulamentação – comentou Emanuel.

– Como uma ‘fechação’ regulada? – perguntei.

– É. Poder ‘fechar’, pode. Mas tudo dentro de regras que só os mais espertos conseguem ‘dar o truque’ [driblar], sem sofrer pena, sabe? Por isso que muitos preferem os desfiles, pois lá eles ‘fecham’ à vontade.

– E muitos conseguem [driblar essas regras]? – mostrei-me curioso.

– Eu não vou mentir! Eu obedeço o regulamento e tal, mas eu dou minha nota também pela interação com o público, pelo conjunto da obra, sabe? Se a ‘bicha fecha’ dentro da coisa técnica, consegue fazer o ‘babado’ acontecer, com todos olhando e gritando ele, eu dou ponto em cima, sim. Não quero ficar com esse remorso. O povo gosta e não tem como impedir isso. Fanfarra é show! – comentou Emanuel.



Dessa forma, percebemos que há uma incidência significativa entre o regulamento e a forma como a ‘fechação’ é conduzida. Se nos desfiles cívicos há espaço para a ‘fechação livre’ – como Reinaldo certa feita disse num dos momentos de nossa conversa: “no desfile se pode tudo!” –, pois não há nenhuma regra formal que determine conduta a crivo de penalidade, nos campeonatos essa mesma necessidade do ‘feche’, por parte dos balizadores, sofre uma tentativa de obstrução, devido ao caráter conservador das instituições. Porém, a equação da ‘fechação’ que se estabelece no desfile cívico ainda consegue mensurar êxito, pois a ‘churria’ acontece como resultado de uma estratégia de subversão da performance formal exigida pelo regulamento – e essa subversão é emitida pelos ‘viadeiros’ aglomerado atrás das barras de contenção das praças de apresentação⁹.

A todo o momento, na reunião, os jurados e a comissão organizadora referiam-se à chegada do presidente da “CBF”, mas eu estranhava o fato de ele não aparecer nem para desejar as boas-vindas aos jurados convidados, que já estavam com etapa de eliminatória (praça) agendada para as semanas seguintes. Eles iriam participar da abertura do campeonato em Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador. A função dos jurados numa competição é algo altamente significativo; porém, mesmo assim, o presidente da “CBF” não chegara ainda para dar as honras da associação.

Na espera do presidente, o tempo foi aproveitado com diversas orientações de julgamento dadas por Márcio e Cláudio – este último foi mor de diversas fanfarras na Bahia. Em dado momento, sou “cutucado” por um rapaz que se sentava ao meu lado, a fim de estimular uma conversa comigo, já que me pus discreto a todo o momento e, obviamente, não falava:

– Esse tipo de orientação eu já recebo todos os anos. Não tem necessidade de reunir de novo para falar sempre as mesmas coisas, que as pessoas já estão calejadas! – reclamou o rapaz.

Eu rapidamente perguntei se todos os jurados estavam presentes na reunião.

– Dos periféricos, sim! – o rapaz me respondeu.

– Mas o que são “periféricos”? – termo recorrente em várias discussões.

⁹ Sobre o desvelar da cena etnográfica do espetáculo das competições, veremos nas linhas que se seguem, quando relacionaremos o que é dito no congresso pelos interlocutores para o que é feito, de fato, na cena da performance.



– São as partes [em] que ficam os ‘fechativos’ das fanfarras. Os balizadores, o pelotão coreográfico e quartel cívico. Nós somos julgados à parte [separado] do centro da corporação, que é os músicos e o regente – explicou-me o rapaz.

Nesse momento, *insights* de várias questões se delinearam criativamente no pensamento. Primeiro, pela não presença pontual do presidente da associação entre os membros “periféricos”, sugerindo-se, a partir disso, uma montagem hierarquizada, dentro da própria associação, daqueles que merecem dedicação e prestígio e dos que não merecem, sendo essas divisões dentro do movimento de fanfarras orientadas por problemas de gênero. Segundo, pela sugestão da nomenclatura, já que se tratava de “periféricos”, análogo aos balizadores em suas vidas sociais, como vidas precárias frente a uma hegemonia; portanto, às margens sociais, mas que estrategicamente, pelo viés da arte, incidem nos centros da visibilidade pública, como são os balizadores de fanfarra. Estava, nesse momento, convicto da minha permanência em pesquisar sujeitos de contestação dentro das alas tidas pela diretoria geral como “não prioritárias”, mas, apesar disso, responsáveis por angariar o maior número de público nas etapas e eliminatórias.

Meu filho! Ninguém vai para rua ver homem tocar bumbo ou clarinete. As pessoas vão pra rua é para ver os elementos coreográficos e a beleza das fanfarras, que quem faz é a gente. Eu é que não tenho mais idade para isso, mas os ‘viados’, sim. Tendo limite e tudo, mas são os ‘viados’ que chamam o interesse do público, mesmo nos campeonatos com tantas regras. (Fala de Cláudio, no intervalo do lanche dos jurados)

Figura 3 – Parte dos jurados simulando avaliação em vídeo



Foto: Vinícius Zacarias, 2018.



Coincidência ou não, o presidente da associação, Luís, chega justamente nessa hora: a do lanche.

Ao decorrer da discussão, chega-se à pauta das remunerações dos jurados. Ingenuidade achar que aqueles homens e mulheres com anos de exercício no movimento de bandas e fanfarras dedicariam tempos para se empenharem em atividade sem algum tipo de remuneração financeira. O regimento, inclusive, estabelece o valor e a forma de pagamento dos jurados dos periféricos; porém, devido a intensas crises financeiras que vêm passando as fanfarras – e acredito que sempre passaram, pois o trabalho com a cultura não é dos mais reconhecidos em nosso país –, as remunerações são com valores mais próximos ao irrisório. Porém, existem!

Figura 4 – Movimento de Bandas e Fanfarras protesta no Dois de Julho de Salvador



Foto: Marielson Carvalho, 2018.

Os jurados recebem uma espécie de cachê irrisório por cada etapa eliminatória dos campeonatos anuais – e muitos fazem disso uma renda extra. Por serem antigos membros de fanfarras ou grupos musicais, vivem de forma direta ou indireta ligada à arte das fanfarras, seja julgando, costurando, produzindo espetáculos ou coreografando pelotões cívicos e desenhos de corporações. Em torno do movimento de fanfarras e, sem dúvidas, da ‘fechação’, há uma rede informal econômica de trabalho e renda.

Nas relações de trabalho, os balizadores de fanfarra, entendidos não apenas como o corpo performático, mas também como agentes dos bastidores da performance, estabelecem vínculos paralelos com a produção dos periféricos das bandas e a confecção dos acervos da ‘fechação’,



como estandartes, figurinos, alegorias e demais elementos que compõem o espetáculo. Muitos conseguiram criar pequenas empresas ou empreendimentos individuais de consultorias especializados em utensílios e alegorias da ‘fechação’. Nessas iniciativas, é comum empregar *performers* e *ex-performers* de fanfarra, numa espécie de rede de trabalho da ‘viadagem’.

Figuras 5 e 6 – Pelotão coreográfico da Fancruz sai de dentro de uma caixa de presentes durante o Desfile Cívico de Emancipação de Cruz das Almas



Foto: Vinícius Zacarias, 2017.

Tive, inclusive, a oportunidade de conhecer no congresso de jurados um ex-mor que, após a sua aposentadoria das praças e desfiles, juntou economias e resolveu criar um ateliê especializado em figurinos de fanfarras. Em conversa informal, disse-me que chegava a faturar muito dinheiro e a empregar outros balizadores e familiares no empreendimento. Blass (2009), ao estudar o trabalho no fazer artístico, tece críticas ao então entendimento de trabalho como aquele reconhecido unicamente no contexto ou na lógica fabril, apontando que os artistas são tão trabalhadores quanto, reconhecendo a importância da autodisciplina e da dedicação e, inclusive, acionando redes de trabalhadores criativos.

Os balizadores, atuais ou ex, proporcionam seu sustento e criam redes de empregabilidade, pois a falta de escolarização e as dificuldades sociais, seja pela pobreza ou pela discriminação, os impossibilita de trilhar caminhos convencionais. São jovens negros prodígios e trabalhadores que, de forma criativa, abrem possibilidades de sustento e formação educacional a partir da própria ‘viadagem’.

3. Aceitamos ‘viados’, mas não ‘viadagens’

Ao término do congresso dos jurados, caminho em destino ao ponto de ônibus, acompanhado de alguns dos participantes da atividade, além de Márcio e Cláudio. Estamos passando pelo Dique do Tororó, em Salvador, um ponto turístico da cidade que leva todos os



andantes a conversas morosas do passado e do presente. Alguns jurados remetem aos tempos áureos dos campeonatos e desfiles cívicos em Salvador; já Cláudio relata detalhadamente os figurinos que usava quando era jovem e balizador das principais fanfarras da Bahia, como a Dragões da Bahia, a maior e mais premiada fanfarra ainda em atividade.

Cláudio descreve como eram o volume de suas plumas, a intensidade dos brilhos e pedrarias e o tamanho dos gloriosos esplendores cravados nas costas. Entre relatos, as buzinas dos carros e o vento quente que paira no dique, junto a comparações entre o antes e os dias atuais, Cláudio toca no ponto da moderação nas ‘churrias’. Para Cláudio e Everton, um também jovem balizador que atua pela primeira vez como jurado, existem diferentes tipos de ‘churria’, sendo que a manifestação desta no campeonato não significa necessariamente o êxito na ‘fechação’.

Figura 7 – Adereços plumários usados por Dé e Renei no Desfile de 8 de Agosto em Muritiba



Foto: Vinícius Zacarias, 2017.

As proliferações das ‘churrias’ denunciam o descontrole, ou melhor, a desregulagem da ‘fechação’. É sinal de que as regras do regulamento não estão sendo respeitadas pelos balizadores. Nesse caso, momentos de contradição se apresentam e há um dilema que o balizador precisa enfrentar: optar pela ‘fechação’ completa, em que a audiência possa ‘churriar’ ao máximo, ou respeitar o compromisso com o regulamento e, desse modo, garantir o título, mas com controle e moderação, a fim de agradar parte dos jurados.



Bem, o que se apresenta nos campeonatos é um esquema de retroalimentação de normas em comparação aos desfiles. Os campeonatos precisam manter seu firme perfil de evento oficial de uma organização musical oriunda da tradição cívica e, para isso, não podem correr o risco de se transformarem em desfiles temáticos¹⁰, como acontece em diversas cidades do interior, onde a ‘fechação’ acontece de acordo com a vontade de cada balizador ou mor. O balizador que queira ‘fechar’ precisa ter uma capacidade muito grande de articular sua performance nesse dilema.

Uma coisa é evidente! Os concursos incidem na ‘fechação’ dentro e, sobretudo, fora dele, no que se refere à rivalidade das fanfarras nos desfiles cívicos, nas alegorias e desenvolvimento estéticos, assim como nos enquadramentos de gênero. Os balizadores ‘fechativos’, sejam eles gays ou não, são aceitos com moderação nas fanfarras, desde que não ameacem as normas heterossexuais, como prescrito nos regulamentos, que estão longe de ser totalmente inclusivos. As associações precisam dos ‘viados de fanfarra’, mas não aceitam a ‘fechação’ em plenitude. Aceitam os gays, mas não aceitam a quebra ou ruptura de normas pautadas na heterossexualidade compulsória.

Essa situação nos remete a uma analogia da tensão de gênero/sexualidade que vivemos na sociedade sobre como aceitar ou não a homossexualidade, por exemplo. Reduzir a vivência da sexualidade apenas a práticas sexuais é um equívoco conservador, pois desacredita a potência dessas vidas “não autorizadas” e, portanto, precárias, de criar fugas estratégicas para a sociabilidade e criação de signos. Ser gay se tornou mais que um desvio de conduta na prática sexual, mas a expressão de uma cultura. ‘Fazer a viadagem’ é justamente expressar esses signos que, de forma ativa, afirmam sua existência contestatória.

Halperin (2012) reflete sobre essa “cultura de como ser gay” na contemporaneidade e podemos trazê-lo para essa discussão de forma a resguardar as variantes raciais que estão em nossos interlocutores de campo. O autor apresenta luz dizendo que a relação entre homossexualidade e prática sexual entre pessoas do mesmo sexo é algo compreendido recentemente, embora pareça natural. É fruto de processo que dissolveu a essência do que é ser homem gay até reduzir à homossexualidade, afastando, não necessariamente, da feminilidade. Porém, essa noção mal introduz as pessoas que vivem sua sexualidade de forma não neutra,

¹⁰ Desfiles temáticos referem-se a desfiles cívicos com temas escolhidos pelas prefeituras de pequenas cidades. A ênfase desses desfiles está nas alegorias temáticas, ou seja, não tem um rigor, necessariamente, cívico ou militar. Muito embora a forma tenha elementos de marcha, o conteúdo é bastante eclético e diversificado.



como os afeminados, e que são discriminadas não apenas pela sociedade heteropatriarcalista, mas também por grande parte da própria “comunidade” gay.

O autor ainda aponta outro problema: a associação imediata de homossexualidade a dois homens que se relacionam sexualmente não diz absolutamente nada sobre “sentir-se gay” ou compreender o que fazem enquanto gays. A tese de Donald Halperin diz que a homossexualidade está ligada à prática sexual, mas é diferente dela. Como prática social, “ser gay” pode ser algo passado, pode ser algo ensinado ou aprendido e nem todo homossexual é gay, assim como existem pessoas heterossexuais que, em termos culturais, podem ser confundidas ou afirmadas enquanto gays por causa de suas práticas socioculturais. De forma geral, o autor reflete sobre a insuficiência das identidades.

Este artigo mostra, ou tenta mostrar, que os balizadores de fanfarra conseguiram articular essa premissa ao fazer artístico nas celebrações cívicas. Percebam bem a minha dificuldade em rotular os balizadores enquanto homossexuais, apesar de fazerem o que a audiência e eles próprios chamam de ‘viadagem’. Houve, ao longo dos contatos com os interlocutores de campo, diferentes percepções frente às suas sexualidades e identidades de gênero, desde a reivindicação da masculinidade, travestilidade, até discussões envolvendo os não binarismos, conformidades e autoafirmação identitária. Há uma multiplicidade de compreensões e identidades envolvendo os balizadores, mas o consenso (quase universal) é de que eles fazem a ‘viadagem’ acontecer. Sendo assim, a ‘viadagem’, em termos culturais, é um interdito de constatação artística de gênero. Com isso, compreendo, paradoxalmente, que nem todos os ‘viados de fanfarra’ são homossexuais.

Além disso, essa reflexão de Donald Halperin contribuiu para entender que as celebrações cívicas, não isentas de reiteração e ordenamento social, também podem ser interpretadas como “celebrações da heteronorma”. Ou seja, por meio da envergadura da performance, acontecem tensões entre ordem e desordem nos desfiles cívicos.

Isso é importante para percebermos que, apesar de serem eventos efêmeros e espetaculares (que inclusive criam condições para “eventos-territórios” em torno da ‘fechação’), as performances ilustram – de forma didática e, ao mesmo tempo, enigmática – dilemas socioculturais do “cotidiano”, por assim dizer. O espaço-tempo liminar nos desvela tabus e polêmicas envolvendo condutas, costumes, comportamentos em que estamos inseridos, tendo a performance a capacidade de mostrar à sociedade seu avesso, como num espelho mágico, conforme Victor Turner (1969 *apud* DAWSEY, 2005, p. 165):



Fragmentos distantes uns dos outros entram em relações inesperadas e reveladoras, como montagens. Figuras grotescas manifestam-se em meio a experiências carnavalizantes. No espelho mágico de uma experiência liminar, a sociedade pode ver-se a si mesma a partir de múltiplos ângulos, experimentando, num estado de subjuntividade, com as formas alteradas do ser.

O eminente antropólogo Roberto DaMatta (1979), ao analisar aquilo que há de mais permanente e duradouro na sociedade brasileira, usando de criatividade, alto poder análogo e articulação sofisticada de conceitos teóricos e sentidos de campo, conseguiu criar um linear comparativo entre o Carnaval e os aspectos autoritários e hierárquicos do país. Assim, dizendo que as paradas e procissões ritualizam esses aspectos e os carnavais, como estado liminar, dramatizam seu oposto. Ou seja, o Carnaval, enquanto ele dura, se torna o espaço-tempo de relações igualitárias, espontâneas, afetivas e simétricas. Segundo o autor, o carnaval nega a estrutura social temporariamente. O herói sai das paradas (os desfiles cívicos), os malandros vivem nos interstícios da fissura estrutural, incorporando-se e boicotando-a (como o Carnaval), e os mítico-renunciadores saem dos trajetos simbólicos da fé para reinserção e arrependimento (das procissões).

Foi dito que o desfile cívico é uma “celebração da heteronorma”, oriunda da tradição militar. Tanto que essa tradição incide na concepção dos campeonatos, sobretudo na avaliação por parte dos jurados. Ora, como acredito no estado de drama social, os desfiles cívicos, já mencionados como resultado da necessidade de espetacularizar a força do Estado brasileiro, reitera tudo que a heteronormatividade orienta ao comportamento. O “homem-integrado” é a representação simbólica que os desfiles cívicos têm a intenção de apresentar.

Tendo como base de reflexão a analogia de Roberto DaMatta, percebo que a presença dos ‘viadeiros’, sendo eles como balizadores ou entre a audiência, é o que provoca a ‘churria’ e tensiona simbolicamente os esquemas dos desfiles cívicos. Se os desfiles cívicos celebram a norma, os balizadores chegam ao final para provocar fissuras e contestar a estrutura imaginada, fazendo a ‘fechação’.

4. A competição na praça

O sol escaldante do meio-dia tomava toda a cidade de Santo Amaro quando cheguei para acompanhar uma das eliminatórias do concurso anual de bandas e fanfarras da Afab. Já havia combinado de encontrar Reinaldo, da Banda Marcial do Pirajá - MASP, o balizador que mais ‘fechou’ no Desfile Cívico de Dois de Julho, para uma entrevista; ao mesmo tempo, eu sabia que



as maiores fanfarras da Bahia também estariam presentes, inclusive as que já tinha visto desfilar no Desfile de Dois de Julho.

Um imenso palco se montava em frente à Praça da Purificação, tendo de fundo a Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Purificação, a padroeira da cidade. Alguns jovens circulavam dispersos em torno do palco, enquanto a produção da associação estava nos últimos preparativos para o início da “praça”, que começaria pontualmente às 13h, com a primeira fanfarra sorteada já tendo que estar a postos, cumprindo rigorosamente o tempo estipulado para cada fanfarra ou banda.

Então, procurei me informar com algumas pessoas que estavam arrumando as mesas de jurados no palco auxiliar, em frente ao principal, sobre onde eu poderia encontrar Adriana, a presidente da Afab. Segui até o restaurante em que ela estava almoçando com a maioria do corpo de jurados convidados. Ao me apresentar para Adriana, jovem mulher, muito solícita, ela fez questão de informar da minha pesquisa para alguns dos jurados e membros da direção da associação. Como não dei muitos detalhes sobre os objetivos da pesquisa, Adriana supôs que a investigação se tratava da descrição técnica, da tradição e da importância dos grupos periféricos em fanfarras. De maneira alguma, conforme pude perceber interagindo com ela nesse momento, imaginou que se tratava de uma pesquisa etnográfica com o objetivo de compreender os conflitos gerados a partir da performance.

Adriana e eu trocamos contato e ela aproveitou para me convidar para o próximo *workshop* do corpo técnico de jurados. Senti-me honrado e, obviamente, aceitei. Mantendo sempre o cuidado na aproximação com os jurados, já que se tratava do dia do concurso e eu não queria promover nenhum tipo de desconforto frente à apuração, comuniquei a Adriana que estaria prestigiando na praça logo em frente ao palco e que depois continuaríamos o diálogo.

Essa era uma das grandes preocupações metodológicas da pesquisa. O fato de o pesquisador ter contato direto com membros das corporações que seriam avaliadas e, ao mesmo tempo, também ter proximidade com a direção e os jurados poderia evocar sentimentos de desconfiança e, de alguma forma, pôr em dúvida a credibilidade do processo de julgamento. Por esse motivo, sempre tomei muito cuidado para que não me vissem publicamente muito aguerrido com a direção e os jurados; não seria interessante minha presença afetar de forma tão prejudicial o encaminhamento dos trabalhos do campeonato.



Ao retornar para a praça, à medida que as pessoas iam chegando para assistir às apresentações, me impressionou a concentração do número de jovens negros e, aparentemente, gays. Pouco se viam pessoas da própria cidade ou da comunidade externa de fanfarras nos campeonatos, e posso dizer isso porque conheço os moradores de Santo Amaro, sem falar que era nítido o nível de aproximação entre as pessoas daquela rede de amigos que se estabelecia na praça. Eram reuniões de amigos, em que pequenos grupos informais iam se montado nos bancos da praça e embaixo das sombras das árvores. Ao som de pequenas caixinhas de som, eles iam simulando coreografias, rindo alto e fazendo fotografias. Eram jovens com uma diversidade de presença e estilos, mas majoritariamente negros, como é a predominância no Recôncavo da Bahia.

Na concentração, o humor ácido da audiência constituía o ‘viadeiro’. As pessoas que compunham a audiência usavam de humor ácido frente aos seus amigos balizadores de fanfarras que estavam montados e prestes a entrar no percurso da apresentação. Alguns gritavam nomes e outros gritavam nome e sobrenome. “*Neto Carvalho*¹¹ *irá te esmagar na pista, bicha!*” – falava um membro da audiência, enquanto outro fazia piadas com o figurino de alguma corporação – “*Ih! Esse figurino de vocês foi comprado na Baixa de Sapateiro, viu! É um jacá de casamento!*”. Mantinha-se, assim, todo um clima de expectativa e conspiração competitiva até o início de cada apresentação das fanfarras.

Como pude observar, os campeonatos são espaços também da ‘fechação’ externa às apresentações das fanfarras, como se caracterizam os desfiles cívicos. É um lócus de sociabilidade LGBT, um espaço de tensão entre os mais tradicionais integrantes dos movimentos de bandas e fanfarras e a juventude que, contestando os conservadorismos, literalmente, disputa espaço e posição dentro das corporações.

Nesse ponto, paramos um pouco para refletir sobre o evento-território já citado anteriormente na circunscrição do Beco do Rosário. Aqui, especificamente nessa praça do campeonato de fanfarras e bandas em Santo Amaro, também se constituía esse lócus de vivência e sociabilidade LGBT, sobretudo no ponto de concentração para entrar na apresentação. Ora! Não apenas em Santo Amaro se formava esse território de gays negros, compostos por ex-balizadores, balizadores e mores prestes a vestir o figurino e entrar na competição e admiradores e frequentadores dos campeonatos, mas em todas as praças de competição.

¹¹ Um dos balizadores mais renomados, com vários títulos acumulados.



5. A travestilidade

Iniciamos com o parágrafo único do capítulo XVI do regulamento da ACBFFB vigente em 2018, que versa sobre a presença de pessoas transexuais nos campeonatos. Vejamos!

PARÁGRAFO ÚNICO – O regulamento não exclui homens ou mulheres trans, mas deixa claro que o componente masculino deve compor como homem e o feminino como mulher. Ações transformistas não serão permitidas, podendo sofrer perda de 02 (dois) pontos por jurado nos itens de corpo musical ou até mesmo a desclassificação da corporação que insistir no ato. Obs.: o componente masculino que perante a sociedade se apresenta como mulher ou vice-versa terá que encaminhar uma declaração para a ACBFFB.

Situações com mulheres trans são corriqueiras nos campeonatos de fanfarra. Desde casos emblemáticos que ganharam grandes repercussões na mídia até pequenos delitos de violência transfóbica vivenciados por muitas garotas trans. Várias delas começaram como balizadores de fanfarra e fizeram a transição de gênero durante o curso de sua participação nas corporações musicais. Dessa forma, criaram laços afetivos com muitos quadros das associações, mas isso não inibe a violência, dado o regulamento ser extremamente contundente quanto à presença de transexuais.

Segundo informações colhidas em campo, o regulamento passou por diversas alterações, conseqüentes de intensas discussões com dirigentes e membros do Movimento de Bandas e Fanfarras da Bahia, para que a associação aprenda a lidar com pessoas transexuais, sobretudo com garotas transexuais ou em processo de transexualização. Se a forma de julgamento é distinta – inclusive por gênero, separando mulher-baliza e homem-balizador –, cria-se uma tremenda confusão por parte do corpo de jurados no entendimento com relação a pessoas trans. Confusão, claro, impulsionada pelo conservadorismo dos associados quanto à aceitação e ao tratamento dessas pessoas.

Os associados achavam, no início, que se tratava de homens querendo “se fantasiar” de mulher para terem certas “vantagens”, como poder usar cabelos e roupas mais curtas e marcadas. Além do mais, muitas das balizas trans de hoje eram garotos balizadores que procuraram as fanfarras para acessar a expressão artística e começaram a ter experiência com certos atos de “desobediências” de gênero. Apenas depois de diversos episódios, quando ascenderam a propagação dos movimentos sociais de pessoas trans e os debates sobre identidade de gênero, é



que as associações foram praticamente obrigadas a discutir a questão de maneira formal, acrescentando esse ponto a seus regulamentos.

Percebemos que no regulamento da ACBFFB, citado anteriormente, as pessoas trans precisam comprovar sua transexualidade antes de se apresentarem, por meio de documentos. Isso é para prevenir a “ação transformista”, ou seja, os espetáculos similares aos de *drag queens*. Afinal, precisa-se manter o garbo e a “respeitabilidade” dos campeonatos e associações, e os espetáculos transformistas são caracterizados pela marca da exuberância performática, diversidade e subversão de normas sexuais e de gênero.

Em 2017, Melyna Santos – membro do pelotão coreográfico da Famaster, da cidade Ruy Barbosa, na Bahia – foi impedida de desfilar no campeonato na mesma praça de Santo Amaro, por a associação entender que ela era um “homem vestido de mulher”. Melyna alegou que a presidenta da sua fanfarra havia enviado à associação anteriormente as declarações de sua transexualidade, escritas à própria mão e com fotos de seu cotidiano, mas a presidenta da associação disse que a documentação não tinha sido aprovada e, portanto, Melyna estava impedida de desfilar daquela forma, “como” mulher.

Melyna se amparou no movimento LGBT da Bahia, por intermédio de Millena Passos, da Associação de Travestis de Salvador (Atras) e do Grupo Gay da Bahia (GGB), que também recorreram à decisão dentro da própria associação. Em 2018, ela foi aceita em seu gênero feminino e desfilou na praça.

Foi horrível, me senti agredida e machucada, no momento em que estava ali, ansiosa, feliz, me sentindo realizada, afinal seria mais uma conquista, mais um espaço [...] E quando estava ali pronta, faltava uma fanfarra pra nossa entrar, eu radiante, parecia um sonho, as pessoas me elogiavam, vários amigos pessoais que me admiravam foram à cidade, principalmente me prestigiar por mais essa vitória, com palavras de carinho, e quando de repente chega a hora da presidente da fanfarra pegar a documentação, ela, coitada, não teve nem reação para me dar a notícia, quando ela vem até a mim, sem graça, e disse que não tinha sido aprovada, nem liberada, e que eu não poderia entrar na pista de apresentação, a não ser vestida de homem, já que teria que provar para ela que eu era uma trans, daí senti um misto de sensações, as pessoas me olhando sem entender, veio lágrimas nos olhos, sensação de tanta coisa ruim, só quis sair dali e desabei por dentro, e até hoje me sinto assim por isso, e isso não pode ficar assim, não pode acontecer comigo nem com nenhuma outra garota como eu, por isso procurei Millena pra pedir ajuda. (Depoimento de Melyna retirado da COUTINHO, 2017)



Quero encontrar Melyna em algum momento para apresentar-lhe a pesquisa e colher seu depoimento. Porém, o campeonato começa e eu e Ronaldo ainda estamos conversando. Como ele tem horário definido para entrar na praça junto ao Masp, estamos despreocupados e continuamos nosso passeio no entorno, conhecendo outros balizadores e demais participantes do movimento de bandas e fanfarras.

À medida que vou conhecendo pessoas, percebo que muitos garotos nos campeonatos optam mais por serem parte do pelotão coreográfico do que serem balizadores. Muitos que foram balizadores no Desfile Cívico de Dois de Julho, por exemplo, aparecem agora como membros do pelotão coreográfico. Reinaldo e outros ‘viados de fanfarra’ me dizem que essa é uma forma de poder ‘fechar’ mais nos campeonatos, já que no Dois de Julho “se pode tudo”, mas ali frente à comissão julgadora, a regulação é maior. Então, como os pelotões coreográficos usam de maior liberdade nas coreografias, figurinos mais livres, com possibilidade de compor com voais e tecidos de movimento, além de bandeiras, arcos e até mesmo bolas de fogo, a ‘fechação’ torna-se mais garantida. Os balizadores e as balizas mulheres, por sua vez, têm jurados específicos, que observam detalhadamente cada movimento e sua complexidade, como numa olimpíada de ginástica rítmica.

Enquanto o campeonato continuava em ritmo profissional, tendo cada fanfarra ou banda seu tempo limite de concentração e apresentação, eu procurava por Melyna Santos. Depois de toda a polêmica envolvendo o caso – sendo que esse não era o único, considerando-se o histórico de casos de transfobia protagonizados por associações de fanfarras –, Melyna continua sua atuação como balizadora e é figura simpática e conhecida de todos os envolvidos com os periféricos.

Melyna agora faz parte da Banda Marcial Recomeçar de Feira de Santana - BAMARE, uma famosa fanfarra da cidade de Feira de Santana e uma das principais organizações daquela praça. Do lado do rio Subaé, que corta a cidade de Santo Amaro, havia a concentração dos ônibus das fanfarras; foi lá que tive a oportunidade de conversar por poucos instantes com Melyna.



Figura 8 – Melyna Santos ao centro



Foto: Zé Neto, 2018.

Assim que me apresentei e falei da minha pesquisa, Melyna se entusiasmou. É um dado interpretativo importante essa dual recepção da pesquisa por parte dos membros dos movimentos de bandas e fanfarras. Os ‘viados de fanfarra’ sempre conseguem captar a intenção da pesquisa, mesmo que de forma opinativa. Quando falado sobre “as performances de balizadores de fanfarra”, as sugestões ou entendimentos que eles têm são de que irei falar sobre as tensões de “aceitar ou não aceitar gays” nas fanfarras. De outra forma, os outros membros do movimento de fanfarras, como jurados ou quadros de direção, não recorrem a esse sentido logo de primeira, só quando eu estimulo uma pergunta ou situação que envolva esse problema.

Melyna diz que está disposta a ajudar e se mostra bastante solícita. Diz que são “importantíssimas” (com tom e texto superlativo) pesquisas como essa e que é preciso “denunciar” os atos de violência vividos por pessoas transexuais nas fanfarras. A presença de mulheres trans nas fanfarras é significativa e elas fazem a ‘fechação’ acontecer tanto quanto os outros garotos. As identidades trans configuram aqui num princípio de sociabilidade LGBT e as pessoas trans e travestis se sentem acolhidas nos grupos dos balizadores e pelotões coreográficos.

Melyna me diz que o processo de transexualização (ou seja, de aceitação e exposição aos signos da identidade feminina) se deu dentro das fanfarras, quando ela percebeu a necessidade de transcender para o uso da feminilidade na sua vida cotidiana. Sentia-se uma mulher e descobriu essa exaltação do feminino durante os processos de apresentação e ensaio das fanfarras.

– Se a dificuldade é ruim com as ‘bichas’, imagine para a gente, que é trans! – relata para mim com os olhos já lacrimejados. – Às vezes, nos tratam como gays, mas somos mulheres trans



– afirma categoricamente enquanto calça a bota para entrar na praça. Sua fanfarra é a próxima a se apresentar.

6. “Eu tenho um nome!”

Retorno a uma cena antes de a competição começar. Destaco a experiência dessa cena importante para a contextualização da discussão a seguir.

Liguei para Reinaldo a fim de saber onde poderia encontrá-lo no dia da competição em Santo Amaro. Sempre muito solícito comigo e altamente orgulhoso por fazer parte de uma pesquisa em que dissertasse sobre seu ofício de anos, passou-me numa conversa todas as informações sobre sua vida e o tempo no movimento de bandas e fanfarras. A cena é esta: sentado no sofá da sala de um membro da coordenação, de pernas compridas e flexíveis e com os pés num sofá, Reinaldo me fala de suas aventuras e seus feitos:

– Eu sou um dos balizadores mais conhecidos de fanfarra da Bahia. Pode perguntar para qualquer um que vão te dizer quem é Reinaldo Brito. Tenho inúmeras medalhas de competições, já ganhei tudo que tinha de ganhar. Não tenho que provar mais nada a ninguém – me diz Reinaldo.

Mesmo não tendo mais nada a provar a ninguém, Reinaldo faz questão de viver cada apresentação como se fosse a única. A preocupação com a impecabilidade do figurino e do gestual é notória. Reinaldo é conhecido pela maioria dos balizados como o mais ‘fecharino’, ou seja, o que eleva o estado da ‘fechação’ em suas apresentações. Ele consegue ser o melhor em desempenho e formação técnica, já que é formado em Dança pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), mas também consegue ‘fechar’ nos excessos durante as apresentações.

Eu pergunto a Reinaldo como ele consegue driblar os obstáculos para manter a ‘fechação’ mesmo quando ela está regulada, ao que ele responde:

– Eu ‘fecho’ nos desfiles cívicos, solto beijos, abraço o povo, dou pirueta e faço até quadradinho. Mas nos campeonatos eu procuro manter o carisma e o rigor técnico – pontua.

Ele me explica pacientemente, na mesma sincronia e tempo que coloca a mão no saco de pipoca que está comendo:



– E tem os truques também! Quando não tem jurados me vendo, eu ‘fecho’ ainda mais com o público. Adoro fazer a ‘fechação’ com o público! Vou em cima e embaixo. Quando os jurados voltam, mantenho a seriedade nos movimentos. Mas o povo me dá ‘churria’ mesmo quando estou sério. Eles já sabem que ‘fecho’! – finalizou Reinaldo.

É essa uma das estratégias que os balizadores encontram para garantir a ‘fechação’, tendo as ‘churrias’ e os ‘viadeiros’ reunidos, mas sem perder pontos ou contrariar as determinações do regulamento. Reinaldo pode falar sobre isso com a maior propriedade, pois são mais de dez anos atuando em campeonatos por todo o Brasil. Nos seus relatos, admite que há, entre membros da associação, certo tipo de “preconceito” sobre aceitar os ‘viados’ e as travestis, mas ele se sente seguro, pois sabe que a maior “graça” de uma fanfarra são os balizadores e os pelotões coreográficos.

– Nós sabemos que estamos contra o que eles acham, mas eles também sabem que quem manda, de verdade, em fanfarra é o ‘viado’, nos braços do povo! – Reinaldo diz isso olhando de forma desaforada e brincalhona para um membro da direção técnica da associação que está ao nosso lado quando estamos conversando próximo ao local das apresentações.

Nós dois ficamos bastante tempo conversando sobre a vida nas fanfarras, já que ele é um balizador com muito tempo de corporação, levando o título de melhor balizador da Bahia por diversas vezes. Entre as idas e vindas no diálogo, em torno do palco ou nos bastidores da concentração de fanfarras, Reinaldo vai me apresentando a muita gente. Ele faz questão de afirmar para todas as pessoas que estou realizando uma pesquisa sobre “ele”. Não mentiu! Estou realizando uma pesquisa sobre as performances e as ‘fechações’ encontradas em cena e, sendo ele o balizador de maior potência ‘fechativa’, a pesquisa também é sobre ele, mas, sobretudo, sobre suas performatividades.

Essa é a marca de campo que me faz decidir sobre a escolha de tratar os balizadores com seus verdadeiros nomes e sobrenomes. Ao longo do trabalho de campo, percebi que os balizadores são verdadeiros artistas no movimento de bandas e fanfarras, de forma a construir escolas estilísticas e ditar tendências. Reinaldo, num determinado momento do campo, diz que a sua atual roupa é uma das melhores e que todos se inspiraram nos figurinos de “Reinaldo Brito”, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa. Sem falar que a maioria dos balizadores que estabeleceram contato comigo fizeram questão de evidenciar seus nomes e suas posições. É



nesse sentido a escolha por tratar dos interlocutores de campo por seus nomes reais ou artísticos, afinal são artistas que ambicionam a ‘fechação’.

– Eu não tenho mais nada a provar a ninguém, amigo! – diz novamente Reinaldo, referindo-se a mim num momento da vinda do almoço, e continua: – Se eu perder ou ganhar é uma consequência. Eu tenho um nome! – fala.

A competição começou, recolhi todos os dados de campo possíveis e, por volta das 19h, chegou a vez de Reinaldo se apresentar. Naquela noite, ele foi o último a performar. Brilhou, mostrando todo seu rigor técnico de ginasta para a banca de jurados com o mesmo figurino do Desfile Cívico de Dois de Julho. Dividia a apresentação com uma jovem menina baliza que não conseguia acompanhá-lo na desenvoltura; ele já se mostrava impaciente de tê-la como parceira.

Em dado momento, nitidamente tenso, com receio de seu legado poder ser comprometido, ele olha para a menina e diz: “A partir de agora é cada um por si, fofa!”. Essas palavras foram suficientes para Reinaldo fazer uma apresentação à parte. As ‘churrias’ vinham da audiência, mas Reinaldo não ‘fechava’ como nos desfiles cívicos, com alta interação e com movimentos até sensuais. Como estava acostumada no Desfile Cívico de Dois de Julho, a ‘churria’ vinha para Reinaldo pela memória de seu legado como o melhor balizador e o mais ‘fechativo’. Mesmo que sua desenvoltura não fosse exatamente igual à dos desfiles cívicos, o estado de ‘fechação’ acontecia.

O legado de Reinaldo Brito como o maior balizador impulsionava as ‘churrias’ de todo um ‘viadeiro’ conhecedor de sua trajetória em todas as praças e desfiles cívicos na Bahia. O balizador mais respeitado e mais esperado. A estrela da noite! Reinaldo é uma ‘fechação’ que está além dessa específica performance. Reinaldo Brito é um corpo negro e pobre que conseguiu, por meio da ‘fechação’ das fanfarras, colocar a si próprio no patamar de reconhecimento em um dos maiores movimentos culturais no país. Entre regulações e concessões, usando de recursos e estratégias técnicas distintas, mas na mesma intensidade do Desfile Cívico de Dois de Julho que abriu este artigo, Reinaldo ‘fechava’, em todos os sentidos.



Figura 9 – Reinaldo Brito fechando no Dois de Julho em Salvador



Foto: Marielson Carvalho.

7. O jogo dos ‘viados de fanfarra’

A performance dos ‘viados de fanfarra’ é caracterizada pela transgressão à rigidez corpórea, atribuída a papéis masculinos e, sobretudo, de forma mais intensa, aos homens negros. Mesmo assim, essas performances surtem efeitos contrários à ojeriza ou rejeição generalizada de quem assiste ao espetáculo. Ou seja, a ação performativa desses homens negros com comportamentos de tensão, também entendidos como “agenciamentos” performativos – inspirados na noção de “agência do sujeito social” (GIDDENS, 2003) e que vão desde o ato do espetáculo a suas intervenções no tecido cotidiano –, é altamente valorada pela audiência¹² que assiste e cria expectativas em torno dessas apresentações.

Os estudos de masculinidades negras (FAUSTINO, 2014) nos mostram a perspectiva da potência ultravirilizante com base na qual o homem negro, de certa forma, é idealizado nas

¹² Termo utilizado por Richard Schechner (1985) em seus estudos sobre performances, referindo-se ao público que assiste e ao mesmo tempo interage com o ato.



mentes coloniais no ocidente. Mesmo que, necessariamente, o homem negro não seja isso, há uma força, no imaginário de representações, que o associa a estereótipos: homem altamente forte, viril, rígido e sexual, quase um *King Kong*. (SOUZA, 2017) Mantido em sua negrura, esse mal das representações é intenso de tal forma, que o próprio sentido de humanidade desse homem é dissolvido na bacia do animalesco. Dessa maneira, homens negros que ousam expor algum desvio dessa ordem de estereótipos são tidos como estranhos e não recomendados, são vistos como dissidentes, como acontece com os ‘viados de fanfarra’; pois, por meio de sua performance na rua, não reificam o código de conduta e desviam do curso de expectativa da exposição pública criado para aquele corpo.

Esse fenômeno paradoxal, compreendido sob a noção de “antiestrutura social”, consegue imbricar diversas contestações entre comportamentos considerados ideais, estruturalmente forjados na lógica dos papéis de gênero e em estigmas das hierarquias raciais, dadas as noções e limitações da arte.

No espelho da anti-estrutura, figuras vistas como estruturalmente poderosas podem mostrar-se como sendo extremamente frágeis. Inversamente, personagens estruturalmente frágeis transformam-se em seres de extraordinário poder [...]. Entidades ambíguas ou anômalas, consideradas como sendo estruturalmente perigosas, energizam circuitos de comunicação atrofiados. (TURNER, 1969, p. 94-130 *apud* DAWSEY, 2005, p. 166)

No exemplo empírico que se relaciona com o pensamento de Turner, os ‘viados de fanfarra’ são, em sua vasta maioria, jovens homens negros, oriundos de comunidades pobres do interior da Bahia. Ou seja, considerando-se a estrutura ampla das relações sociais brasileiras, esses marcadores de diferença os colocam em posições desfavoráveis nas performances do cotidiano vivido. Porém, no momento do ato performático do desfile cívico, os balizadores assumem, temporariamente, outros papéis, como “seres de extraordinário poder”. (TURNER, 1969, p. 94-130 *apud* DAWSEY, 2005, p. 166)

O jogo dos ‘viados de fanfarra’, algo que constatamos ao longo deste artigo, envolve a potência desses corpos performáticos de criarem aglutinações identitárias dentro das fanfarras e dos campeonatos. Envolve também encorajamento para contestar regimentos que barram formas de expressão de vida, o ato de ‘fechar’ nos desfiles e campeonatos é um exemplo disso. Como uma metáfora da vida, as performances dos balizadores são muito mais do que momentos de euforia na cena do espetáculo: são insurgências políticas de criar e valorar possibilidades de



vidas negras dissidentes na Bahia. Vidas que usam a expressão cultural e criativa, enquanto materializações de suas existências.

Dessa forma, a pergunta que instigou essa investigação na dissertação que originou este artigo, *a priori*, procurou respostas se essa expressão cultural ou esse “extraordinário poder” é, justamente, um poder de inversão das estruturas sociais do comportamento de gênero e raça ou, de alguma forma, das condições permissivas de uma audiência posta para reiterar essa estrutura. Ou seja, um corpo/conduita “diferente” posto à exposição para afirmar a hegemonia. E essa permissividade é motivada pela produção de escárnio e caricaturas, mesmo esses sendo paradoxalmente expectativados e admirados pela audiência. E não por uma conduta exemplar, mas uma específica e excêntrica, permitida apenas em eventos públicos como esses.

Os resultados das interpretações são, e devem ser, inconclusivos, levando em consideração as múltiplas formas de produção de subjetividade de homens negros que vocês, leitores/as, não encontraram neste breve esquema conclusivo. No entanto, anotações apresentadas neste artigo ainda serão contestadas por diversos pesquisadores; afinal, trata-se de um trabalho precursor no campo dos estudos raciais, de gênero e de sexualidade. Tornou-se dissertação abordando a “cena” da ‘fechação’ e, em breve, se tornará tese de doutorado, debruçando-se na “vida” dos ‘viados de fanfarra’, defendida no Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (PosAfro/Ufba). Em tempo, faço um convite aos demais para adentrarem não apenas no universo dos ‘viados de fanfarra’, mas na maioria das expressões culturais protagonizados por LGBT negros no Brasil, desde fanfarras até quadrinhas juninas.

A cultura é um índice fundamental para compreender a (re)existência de sujeitos subalternos. E o universo performativo, dentro da dinâmica social ampla e complexa – emaranhada de conflitos e tensionamentos decorrentes das ordens sociais regulatórias – torna esta pesquisa, desmembrada em vários periódicos científicos, uma potente investigação em um campo ainda quase inexplorado, revelando percepções densas de todo um território frutífero, com múltiplas possibilidades sociais de produção da cultura.



Referências

- AFAB, Associação de Bandas e Fanfarras da Bahia. *Regulamento do XXIII Campeonato de Fanfarra e Bandas da Bahia*. Bahia: Salvador, 2017.
- ACBFFB, Associação Cultura de Bandas, Fanfarras e Filarmônicas da Bahia. *Regulamento*. Bahia: Salvador, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Estrutura, habitus e prática. A economia das trocas simbólicas, v. 2, 2004.
- BLASS, L. M. S. Trabalho no fazer artístico. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 6, p. 49-63, 2009.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.
- COUTINHO, G. Transexual é impedida de desfilar em fanfarra em Santo Amaro. *Dois Terços*, Salvador, 28 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/37JKhgQ>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.
- DAWSEY, J. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 163-176, 2005.
- FAUSTINO, D. M. *O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo*. In: BLAY, E. A. (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.
- GIDDENS, A. *A construção da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HALPERIN, D. M. *How to be gay*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.
- SCHECHNER, R. *Between theater and anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.
- SOUZA, H. R. C. King Kong (O rei do Congo): representações e estereótipos sobre os homens negros. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES, 6., 2017, Recife. *Anais [...]*. Recife: UFPE, 2017.
- DA SILVA, V. S. *Etnografia da fechação: performances de homens negros balizadores de fanfarra na Bahia*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019a.
- DA SILVA ZACARIAS, V. S. Notas etnográficas sobre homens negros balizadores de fanfarra em Salvador. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 192-215, 2019b.

